

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA

Professor ensina aluno a denunciar pais agressores

Casos de maus-tratos e abusos, muitas vezes, só vão parar na polícia devido a denúncias feitas por escolas, que identificam o problema

AJ21921-1

Érica Vaz

A criança esconde as marcas da violência no corpo com o uniforme escolar. Mas o olhar atento de um professor e sua habilidade para decifrar o silêncio da criança acaba denunciando o que aconteceu. Assim, muitos pais acabam na polícia sob a acusação de maus-tratos, abuso sexual e negligência.

Segundo o titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Marcelo Nolasco, os educadores são os primeiros a identificar uma criança vítima da violência. "Eles têm contato direto com a criança, acabam se tornando um grande meio de denúncia."

Ele relatou o caso de um aluno de 7 anos, que estuda em uma escola pública de Vitória. Semana passada, o menino chegou à escola sentindo muitas dores nas pernas. A professora desconfiou e começou a conversar com o aluno.

No meio da conversa, a criança contou que o pai havia lhe dado uma surra. "Ao ver o corpo todo marcado do menino, imediatamente ela acionou o Conselho Tutelar. O pai vai responder por lesão corporal", contou Marcelo.

Para a professora Eliete Paes, 41 anos, afinidade e confiança são fundamentais para revelar casos de violência de alunos.

"Sempre dou oportunidade para o aluno falar, contar como foi o seu dia. Também presto muito atenção nas histórias que contam. Quando eles confiam na gente, se abrem com facilidade, principalmente os mais novos", explicou.

Uma pedagoga do ensino infantil de Cariacica, que pediu para não ser identificada, costuma contar histórias para os alunos e estimular que eles criem as suas.

"Pelos contos, sei quem da família tem envolvimento com o tráfico, se o pai usa drogas ou bebe demais". Ela ainda descobriu casos de agressão e abuso sexual através de desenhos e brincadeiras.

Quando um caso de violência é constatado, os professores acionam a direção da instituição, que comunica o problema ao Conselho Tutelar. Em casos mais graves, a polícia é acionada.

"Mas preferimos chamar os pais para conversar e tentar ajudar a família. Temos que buscar a origem do problema. Muitos pais repensam suas atitudes", disse a pedagoga.

AS DENÚNCIAS DAS CRIANÇAS



JUSSARA MARTINS - 29/10/2010

Fantoches e bonecas revelam crimes

A voz é infantil, mas o conteúdo da fala pertence ao universo dos adultos. Com fantoches e bonecas, crianças contam aos professores os crimes que presenciam dentro de casa.

Em uma escola de educação infantil de Cariacica, o recurso do teatro livre com fantoches é bastante revelador sobre o cotidiano dos alunos, com ida-

des entre 3 a 6 anos.

"Quando a interpretação é livre, as crianças contam sobre o que os pais e os irmãos mais velhos fazem, por exemplo. A presença de armas, a referência ao tráfico de drogas, tudo isso está presente nas peças", contou uma pedagoga de 47 anos, que pediu para não ser identificada.

Já uma professora do ensino infantil de Vila Velha contou que as brincadeiras com as bonecas já revelaram até casos de abuso sexual.

"Tinha uma menina que sempre reproduzia cenas eróticas com as bonecas. Com bastante diálogo, conseguimos descobrir que ela era molestada pelo padrasto", contou a professora.

CASOS

Menina abusada

Em 2009, ao perceber uma mudança de comportamento em uma de suas alunas, de 9 anos, uma professora da Serra descobriu que a menina estava sendo abusada sexualmente pelo padrasto há um ano. Foi feita uma denúncia ao Conselho Tutelar do município e o caso está sendo investigado pela DPCA.

Programas sexuais

Em Cariacica, uma jovem costumava deixar sua filha na creche e sempre se atrasava várias horas para buscá-la. Foi quando uma professora da criança descobriu que os atrasos aconteciam porque a mãe fazia programas sexuais na praia e em casa. Ela acionou a Polícia Militar e denunciou o caso acusando a mãe de negligência.

Marcas vermelhas

Ao ver um aluno de 7 anos mancando na escola, uma professora da rede pública de Vitória acionou a polícia. No corpo do menino ela viu várias marcas vermelhas. O pai responde na Justiça por lesão corporal.

Rendimento baixo

Uma aluna de 8 anos da Serra, com bom rendimento escolar, passou a faltar aulas com frequência e demonstrava desinteresse pelas matérias.

Ao conversar com a aluna, uma professora descobriu que os pais dela estavam se separando e a mãe era agredida na frente dela. A educadora chamou o Conselho Tutelar para intervir.



JUSSARA MARTINS - 06/10/2010

CRIANÇA RELATA violência por meio de brincadeiras com bonecas e brinquedos

Por medo, denúncias acontecem de forma anônima

A maioria das denúncias feitas por professores de alunos que foram vítimas chegam à polícia de forma anônima.

"Já vi professores abandonando a escola por causa de ameaças dos pais após a denúncia. É preciso cautela", contou uma pedagoga que atua em Cariacica.

O soldado Alex Sandro Bertulani, que atua na Patrulha Interativa Escolar em Cariacica e Viana, recebe denúncias de violência contra crianças todos os dias.

"Mas não falo para a família de quem partiu a denúncia para não prejudicar o professor", contou.

O titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), delegado Marcelo Nolasco, relatou que geralmente as denúncias dos professores chegam à polícia pelo Conselho Tutelar.

"Eles pedem anonimato para não sofrer represálias. Ligam para o disque-denúncia, avisam o Conselho Tutelar e ligam para a delegacia, mas não querem aparecer."

KADIDJA FERNANDES - 19/10/2010



NOLASCO: preservação das fontes

Programa para estudar comportamento das crianças

As marcas deixadas pela violência física e psicológica sofrida por crianças nem sempre são visíveis. E para sensibilizar os professores para um olhar atento sobre o comportamento do aluno foi criado o programa "Escola que Protege".

Em parceria com prefeituras e a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o programa oferece um curso com duração de um ano para professores. Eles são treinados para enfrentar e prevenir a violência contra menores.

No Estado, nove municípios já aderiram ao programa e 53 professores da Serra se inscreveram.

"É para sair da prática apenas técnica, de transmitir conhecimento, e olhar o aluno como um todo, entendendo sua realidade e seus problemas", explicou Claudineia Fionari, que faz parte da assessoria pedagógica da Secretaria de Educação da Serra.

A121921-2

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA

História faz menino revelar uso de crack

“**M**inha avó brigou com meu tio porque não queria que ele guardasse pedras dentro de casa”. Essa foi a observação feita por um menino de 4 anos após ouvir a história “Os Três Porquinhos” na escola.

A professora, sem entender o sentido da frase, questionou a criança sobre o tipo de pedra. “É daquelas que acende, vou trazer uma para te mostrar”, disse a criança.

Esse diálogo aconteceu dentro de uma escola pública da Grande Vitória. A professora, com 12 anos de experiência, acabou fazendo uma descoberta

que mudaria a vida dela e a da criança. Mas a princípio, o objetivo era apenas contar uma história.

“Estava comentando com os alunos sobre as diferenças entre tijolo, palha e madeira, que são os materiais citadas na história, quando esse menino falou da pedra. Primeiro, achei que ele estivesse falando de alguma pedra bruta, usada em construção”, contou a professora, que pediu para não se identificar.

Mas não era. A pedra referida era o crack. “Quando entendi que era droga, fiz uma sondagem, com muito cuidado, sobre a vida dele. Em uma conversa com a criança, acabei descobrindo que o padasto, a quem o menino chama de tio, dava crack e maconha para ele usar. Ele era muito agitado, mas não imaginava que fosse por esse motivo”, contou.

Chocada com a revelação, a professora procurou a direção da escola, o Conselho Tutelar e a família.

“Um dia, ele chegou com o rosto machucado, tinha apanhado em casa”. A mãe fez ques-

tão de deixar claro para a professora que era o dinheiro do tráfico que sustentava a família. “Entendi o recado dela: não era para eu me intrometer no assunto.”

Com a repercussão do caso, a professora precisou mudar de escola e entrou em depressão. “Fiquei doente com tudo aquilo, tentava ajudar a criança e não conseguia. Mexeu muito comigo ver tudo o que acontecia com aquele menino. Também temi pela minha

“Minha avó brigou porque meu tio queria guardar pedras em casa. É daquelas pedras que acende”

Aluno, ao ouvir “Os Três Porquinhos”



PROFESSORA mostra livro com história dos Três Porquinhos, recurso usado para que aluno revelasse problema

segurança e mudei de escola. Fiquei afastada do trabalho por um mês”, contou.

Após o trauma, fica a preocupação com o destino da criança. “Que futuro esse menino vai ter? A criança acaba sendo cúmplice de toda essa violência por não ter a quem recorrer. Não vejo programas de assistência e acompanhamento para eles”, criticou.

Escolas sobrecarregadas

“A escola está sobrecarregada, tudo recai sobre o educador.” A constatação é da professora Rosalva Lima Coutinho, secretária administrativa do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes).

Há 25 anos atuando na rede estadual de ensino, ela chama a atenção para a falta de efetivo e capacitação dos educadores para lidar com crianças vítimas da violência.

“Em vez de aprimorar a figura do orientador profissional, acabou-se com ele na escola pública. Esse profissional era o responsável por trabalhar o emocional do aluno, fazer atendimento à família. Falta gente capacitada dentro das escolas para lidar com isso”, disse.

Rosalva afirmou que algumas escolas possuem psicopedagogos, mas a demanda de trabalho é grande. “Às vezes é um profissional para 12 turmas. O atendimento individual do aluno fica comprometido. O efetivo da escola não é compatível com a realidade”.

Já uma professora do ensino fundamental de Vitória chama a atenção para a negligência dos pais. “É como se a escola fosse um depósito de crianças. Eles chegam aqui todos sujos, sem estar alimentados. Todo o trabalho de cuidar, não só de educar, é a escola que acaba fazendo. Tanto que os meninos choram ao ir embora, pois sabem que dentro de casa não têm nada disso”, contou a professora.

ATENÇÃO AOS SINAIS

Alerta para brincadeiras agressivas

Principais indícios:

- > **MUDANÇAS EXTREMAS** e súbitas de comportamento, como oscilações de humor e ansiedade.
- > **CHORO** excessivo e sem causa aparente.
- > **A CRIANÇA** também tende a se isolar e não interage com os outros alunos da escola.
- > **REAÇÕES AGRESSIVAS:** a vítima tenta reproduzir com seus colegas as agressões que sofreu em casa.
- > **BRINCADEIRAS** consecutivas simulando atos sexuais com amigos, animais ou brinquedos.
- > **MEDO** de uma pessoa específica ou sentimento de abandono ao ser deixado sozinho.
- > **ESCURO** ou lugares fechados podem representar medo uma vítima.
- > **MARCAS** vermelhas e queixas de dores pelo corpo podem indicar agressões físicas.



CRIANÇA deve ser observada

O que deve ser feito:

- > **O EDUCADOR** precisa ter sensibilidade para conversar com a criança. Muito diálogo e pacto de confiança com a vítima são fundamentais.
- > **AO CONFIRMAR** a violência, o professor deve chamar, com discrição, os pais para conversar.
- > **EM CASOS GRAVES**, nos quais a integridade da criança está em risco, o Conselho Tutelar também deve ser acionado.
- > **TANTO A CRIANÇA** quanto a família devem ter acompanhamento do psicólogo da escola.
- > **É LEI:** o professor e demais profissionais de ensino têm a responsabilidade de comunicar às autoridades competentes qualquer caso suspeito de violência ou maus-tratos contra menores.

Fonte: professores entrevistados.

RELATOS DE PROFESSORES

“Dificuldade”

“Quando as crianças são pequenas, é mais fácil conversar com elas e descobrir se algo está errado, principalmente através de brincadeiras lúdicas. Isso traz à tona brigas entre os pais, uso de drogas, agressões.”

Tudo muda o comportamento do aluno e reflete sua dificuldade de aprendizagem.”

Professora do ensino infantil de Cariacica.

“Chamei os pais”

“É na sala de aula que ela vai verbalizar tudo aquilo que presencia dentro de casa. Uma vez uma menina disse: ‘Meu tio gosta de me colocar no colo’. Aquilo me chamou a atenção, fiquei desconfiada.”

Chamei os pais e expliquei a situação. Eles confirmaram a suspeita e afastaram a menina do tio.”

Professora do ensino fundamental de Cariacica.

“Consequências ruins”

“Em bairros carentes, é comum a criança e a família dormirem no mesmo cômodo. Com isso, eles presenciavam relações sexuais, locais onde são guardadas armas e drogas.”

Na escola, reproduzem e falam tudo. Não têm noção do certo e errado. Procuo mostrar que aquilo tem consequências ruins.”

Professora do ensino fundamental de Vila Velha.

PAIS ENTRAM NA ESCOLA



ANTÔNIO MOREIRA/AT

Convite ao diálogo com a família

Na escola infantil Alzira Maria de Jesus, no bairro Aparecida, em Cariacica, uma medida para evitar casos de negligência e violência contra as crianças foi trazer os pais para dentro da escola. “Acabei com aquela coisa de buscar o filho na porta. Hoje, todos os pais vão à sala buscar os filhos. Uma medida simples que aproximou

os pais dos professores”, contou a diretora Rita de Cássia Fagundes.

O maior contato com os pais também acontece em eventos na escola e atendimento individualizado da família. “É importante conhecer a história deles, os problemas. Tudo reflete na criança. Diálogo aberto com os pais é uma ação preventiva à violência.”